

DESAMPARO E A PANDEMIA DE COVID-19: O QUE AS MÃES SOLOS TÊM A DIZER?

KARINA RANGEL GAUTÉRIO¹; HELEN CARVALHO GOMES SOARES²; CAMILA PEIXOTO FARIAS³; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSK⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – karina.gauterio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – heelensoares@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinsk@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge por meio da análise dos dados obtidos através da pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*, realizada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A pesquisa é construída a partir da colaboração entre o Pulsional - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, o Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial Epoché, (ambos da UFPe), em parceria com o grupo Marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (UFRJ).

A pesquisa nasce a partir da preocupação com os impactos da pandemia de COVID-19 na vida das mulheres. E, por isso, foi construído um questionário online com o objetivo de mapear a experiência dessas mulheres e proporcionar, ainda que minimamente, um espaço onde pudessem narrar como estavam sendo suas rotinas, medos, inseguranças e expectativas no cenário pandêmico.

Os resultados da pesquisa correspondem ao período inicial da pandemia, ainda nos primeiros meses, onde havia poucos estudos científicos acerca do vírus. Os primeiros meses pandêmicos revelaram não só um colapso em termos sanitários, mas também uma crise social, política e econômica. Assim, as desigualdades sociais que já estavam presentes no cotidiano brasileiro, se intensificaram. Para Harvey (2020), em trabalho produzido naquele período inicial, a pandemia da COVID-19 já se mostrava uma pandemia de classe, gênero e raça.

Dessa forma, já nos primeiros meses, a realidade das mulheres brasileiras se mostrava preocupante. Elas compunham cerca 70% dos trabalhadores em saúde que estavam na linha de frente da pandemia, expostas aos mais diversos riscos e horas de trabalho exaustivas (ONU, 2020). Além disso, houve uma intensificação das jornadas duplas e triplas ligadas ao trabalho doméstico e de cuidado com os filhos e o aumento no número de denúncias de violência doméstica. Um ponto fundamental é pensar nas mulheres mães nesse cenário, que com o fechamento das escolas e creches em função do isolamento social se viram desamparadas e sobrecarregadas física, emocional e economicamente.

Portanto, o presente trabalho se propõe a desvelar e visibilizar as narrativas das mulheres mães que, junto aos seus filhos, experimentaram a solidão e o desamparo não só afetivo com a falta de redes de apoio, mas também social com a inexistência de políticas públicas. Foi nesse processo de urgência e identificação que percebemos um desejo de trabalhar diretamente com o recorte intitulado *Mães solos, responsáveis pelo cuidado e o sustento dos filhos*, analisando aspectos emocionais, falta de redes de apoio efetivas e a

impossibilidade de vivenciar um tempo de elaboração de suas questões subjetivas para que pudessem investir em si mesma.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi elaborada a partir de um questionário online, divulgado em meios virtuais, entre o período de 24 de maio e 07 de junho de 2020. O questionário tinha como objetivo acessar a realidade das respondentes no cenário pandêmico e as possíveis reverberações psíquicas desse contexto em suas vivências diárias. Além do levantamento de dados objetivos, a pesquisa também abordou questões de cunho afetivo que propiciaram a criação de um espaço, mesmo que virtual, livre e seguro, onde foi possível realizar a partilha de questões mais subjetivas de cada uma das participantes. Após o encerramento do período de respostas, a equipe deu início a suas reuniões, debruçando-se, coletivamente, em recortes específicos da pesquisa devido ao grande volume de dados apresentados.

Com isso, inicialmente, separamos os dados a partir de marcadores sociais específicos como, por exemplo, raça, sexualidade, condição socioeconômica, se vivenciou ou não a maternidade, entre outros. Simultaneamente, o grupo de pesquisadoras formou pequenos trios de estudos, orientado pelas professoras, debruçando-se na leitura de referenciais teóricos a partir do estudo de autoras críticas feministas, uma vez que a pesquisa é direcionada às mulheres, compreendendo a importância e potência de uma pesquisa feita de dentro, de mulheres sobre mulheres.

Conjuntamente, usamos em nossa análise de dados, os métodos psicanalítico e fenomenológico, que têm como objetivo desconstruir metodologias de pesquisa tradicionais, visando promover uma implicação contínua entre pesquisadora, dados e referencial teórico (Figueiredo, Minerbo, 2006; Moreira, 2002). Dessa forma, as metodologias que adotamos nos amparam e proporcionam fissuras no processo de pesquisa rompendo com as pesquisas hegemônicas calcadas na imparcialidade, sem qualquer espaço para os afetos evocados em quem pesquisa. Estamos atentas, portanto, para o caráter político, histórico, social e cultural que há na produção do conhecimento (Haraway, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que possamos pensar a inscrição da maternidade na sociedade, é necessário que antes se pense a construção do gênero e suas implicações. A categorização de gênero surgiu como uma ferramenta fundamental do patriarcado para o controle e a subjugação das mulheres em detrimento do livre exercício de poder dos homens, especialmente homens brancos cis héteros. A exploração feminina, dentro da matriz de dominação patriarcal, alcança vários níveis: físicos, sexuais, laborais, psicológicos e reprodutivos. Pensando a partir das opressões sociais, o trabalho reprodutivo e a maternidade constituem aspectos fundamentais para a compressão das violências de gênero (FEDERICI, 2017). Portanto a maternidade nos moldes que conhecemos é uma invenção a partir de uma série de resultados históricos, sociais e políticos, nada tem de natural.

A feminilização do cuidado coloca às mulheres na posição de cuidadoras naturais, ou seja, para além da maternidade às mulheres são encarregadas da manutenção do cuidado de todos à sua volta. Zanello (2016) reflete a partir dessa realidade propondo o conceito de dispositivo materno. A autora fala que o

dispositivo materno atinge a todas as mulheres, com ou sem filhos, fazendo-as abandonar a si mesmas em função de uma disponibilidade de cuidado para com os outros. Dessa forma, o ideal de maternidade interpela identitariamente todas as mulheres. Assim, pensando a realidade das mulheres mães, propomos uma breve discussão acerca da escassez de possibilidades que essas mulheres dispõe para investir em si mesmas, uma vez que o cuidado compulsório com o outro que recai sobre elas acaba interferindo, diretamente, numa falta de tempo não só cronológico, mas afetivo impactando para além do seu bem estar físico, seu bem estar psíquico.

Para o trabalho em questão, decidimos abordar de maneira mais aprofundada uma das questões intitulada “*Você tem conseguido cuidar de si mesma? Se sim, como você tem feito isso? Se não, por quê?*”. Assim, em nosso recorte *Mães solos, responsáveis pelo cuidado e o sustento dos filhos*, trabalhamos com as respostas de um total de 91 mulheres que abrangem esse recorte específico. Em aspectos de marcadores sociais gerais, das 91 respondentes 83,5% se autodeclararam brancas e 15,4% negras. No que tange à escolaridade, cerca de 78,1% possui ensino superior completo, enquanto 22% não o possui. No que diz respeito à renda, 64,9% possui renda superior a 2 salários mínimos, ao passo que, 35,2% possui renda inferior a 2 salários mínimos.

A fim de evidenciarmos a realidade vivenciada por essas mulheres-mães, trouxemos alguns relatos que respondem a pergunta escolhida para analisar. Escolhemos essas breves narrativas com o intuito de exemplificar essas vivências compartilhadas, uma vez que, as questões levantadas se repetem na maioria das respostas das 91 mulheres.

“Não. Todo dinheiro que estou conseguindo tô alimentando minhas filhas e não está sobrando.”
(participante 1)

“Não. Cuido dos outros e sem tempo para mim.”
(participante 2)

“Não, não estou conseguindo praticar o autocontrole então como demais e acaba afetando a saúde.”
(participante 3)

“Não. Porque todo meu tempo é voltado para cuidado da minha casa e auxílio a minha filha (...).” (participante 4)

“Tenho cuidado mais dos outros do que a mim mesma.”
(participante 5)

Como citado anteriormente, a responsabilização exclusiva pelo cuidado dos filhos impacta diretamente na vida das mulheres-mães, já que há uma abdicação dos cuidados consigo em prol de atender às demandas de cuidado do outro, especialmente quando atentamos para a realidade de mães solas. Segundo um estudo realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil era composto por mais de 11 milhões de mães solo. Hoje, essas mesmas mulheres enfrentam as consequências das múltiplas jornadas de trabalho, sejam elas remuneradas ou não. Divididas entre o cuidado com os filhos, o trabalho doméstico e o trabalho fora de casa, vivendo rotinas fatigantes.

As consequências que essa realidade gera, para além da sobrecarga física, são uma exaustão mental e uma experiência de solidão no maternar, visto que o papel social designado às mulheres mães determina que a “boa mãe” deve sempre priorizar os filhos e a família, não existindo por si mesma e não havendo nenhum espaço que possa falar sobre qualquer mal estar presente na experiência da maternidade, como aponta Zanello (2016). O ideal de maternidade difundido

em nossa cultura vulnerabiliza as mulheres em todos os níveis: físico, econômico, social e psíquico. Destacamos em especial o adoecimento mental provocado por essa sobrecarga.

4. CONCLUSÕES

Essas desigualdades sociais escancararam com a pandemia os contextos precários em que vivem as mulheres que são mães, seja material, econômica ou afetivamente. A falta de atenção de políticas públicas voltadas às mães e as crianças colaboram diretamente com a exploração do trabalho materno e o sofrimento que essas mulheres passam, constantemente silenciado. Fonseca e Pagliarini (2020) consideram o espaço privado da casa uma linha de combate invisibilizada. É necessário que pensemos a maternidade enquanto pauta social e coletiva a fim de fomentar articulações políticas entre mulheres para que possamos pensar uma experiência digna e direitos básicos assegurados.

Além disso, é fundamental que a pauta das mulheres-mães, principalmente no que tange a mães solas, esteja presente na construção de políticas de saúde mental. Uma vez que, ao contrário do que é difundido socialmente, não se trata de uma escolha puramente individual, mas de uma realidade compartilhada coletivamente, estando atravessada por todos os regimes de poder que vão impactar diretamente na experiência dessas mulheres e às expor aos mais diversos conflitos e violências. Principalmente, quando observamos os efeitos da pandemia, desde seu início com os milhares de mortos e família em estado de luto, desemprego, falta de acesso a recursos de saúde, isolamento, é urgente que o grupo social das mulheres que são mães seja visibilizado visando a construção de estratégias que possam oferecer espaços seguros para essas mulheres viverem suas maternidades sem ter sua saúde mental comprometida e isso é indissociável de políticas públicas de promoção e prevenção em termos de saúde mental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FIGUEIREDO, L. C; MINERBO, M. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. Jornal de Psicanálise, 2006.
- FONSECA, J.K.M.R, PAGLIARINI, A.C. **A sobrecarga da jornada ininterrupta da mulher na pandemia: mais um caso de desigualdade de gênero**. Mulheres e Pandemia. Volume 1. Salvador, 2020.
- HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009.
- HARAWAY, Donna. **“Gender” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word**. In: **Simians, Cyborgs, and Women**. The Reinvention of Nature. London, Free Association Books Ltd., 1991, capítulo 7. Cadernos Pagu, 2004.
- HARVEY, D. **Política anticapitalista em tempos de Covid19**. In: Davis M, et al. Coronavírus e a luta de classes. Brasil: Terra sem Amos, 2020.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero**. 2018.
- MOREIRA. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- ONU Mulheres. **Covid19: Mulheres à frente e no centro**. ONU Mulheres Brasil [internet]. 27 mar 2020.